

ECONOMIA

Economista zambiana fala do seu livro "Ajuda Morta", onde defende que África

“Ajuda não faz bem à Á

Dambisa Moyo é uma economista nascida na Zâmbia que acaba de escrever o livro “Dead Aid”, ou seja, A principal questão é: África precisa de ajuda ou de investimentos? Para esta especialista, o papel dos

Entrevista retirada da revista Época

Nos últimos 50 anos, a África recebeu 1 trilhão de dólares em ajuda.

O resultado, diz a economista Dambisa Moyo, foi o aumento da pobreza e da corrupção. Moyo nasceu na Zâmbia, doutorou-se pela Universidade de Oxford e trabalhou no Banco Mundial. Ela afirma que o continente africano só vai encontrar o caminho do desenvolvimento económico quando os países ricos pararem de tentar ajudar. Moyo também critica o envolvimento de celebridades ocidentais com a causa africana. Em seu recém-lançado livro, *Dead aid* (Ajuda morta), ela sustenta que os legítimos porta-vozes do continente têm de ser os próprios líderes africanos. E diz que a actual crise económica é uma oportunidade para a comunidade internacional mudar sua atitude em relação à África. No seu livro, Moyo afirma que o Ocidente deve parar com a ajuda humanitária e incentivar o comércio.

No livro *Dead aid*, você critica o envolvimento de celebridades nas campanhas de ajuda à África. É uma crítica a Bono, do U2, por exemplo. Porquê?

Por duas razões. Primeiro, não concordo que a ajuda seja o instrumento certo para estimular o crescimento económico e o desenvolvimento africano. As celebridades estão a empurrar um produto que não funciona. Em segundo lugar, as lideranças do debate sobre o futuro da África deveriam ser as autoridades eleitas do continente e a sociedade africana. Ter uma cultura de celebridades, na qual raramente vemos um líder africano falando de seus planos para o futuro, me parece errado. Essa cultura das celebridades coloca em segundo plano as políticas elaboradas pelos africanos. Não se pode ter

uma política eficiente a longo prazo com ideias montadas, ou impostas, por pessoas que não vivem no continente ou que não tiveram a experiência das condições de vida em África por um longo período. É bom que as pessoas tenham opinião, mas é fundamental que a atenção maior vá para aqueles que realmente sabem quais são os problemas.

Há celebridades ou governos que manipulam a situação em África para o próprio benefício?

Não quero concentrar-me na motivação de governos ou indivíduos. O que posso dizer é que estou muito decepcionada com as lideranças políticas internacionais. Elas não estão a falar a verdade sobre a eficácia da ajuda e sobre a possibilidade de conquistar crescimento económico, em África, por meio dela. Chegamos a uma situação na qual nós, como sociedade global, ficamos muito confortáveis com a visão negativa da África. Ninguém parece questionar isso, ninguém tenta estimular uma agenda diferente. O capitalismo está sob um intenso debate neste momento, todo o mundo está a tentar obter um melhor equilíbrio para o sistema. Mas, no caso da África, após 50 anos e 1 trilhão de dólares em ajuda, ninguém fala de uma mudança de estratégia. Nesse meio século de ajuda, a África mostrou resultados muito pobres: crescimento nulo e aumento da miséria. Mas ninguém discute isso.

UMA QUESTÃO DE COPIAR O BRASIL, A ÍNDIA, RÚSSIA, CHINA...

O que então deve ser feito? Você sugere que toda a ajuda deveria ser suspensa?

A boa notícia é que eu não tive de criar essa lista do que deve ser feito, é tudo muito óbvio. Basta olhar para Brasil, Índia, Rússia, China e outras partes do mundo. É uma questão de apenas copiar o que outros países fizeram.



Dambisa Moyo

Isso significa depender mais do comércio exterior, dos investimentos directos estrangeiros, do mercado de bónus e da micro finança, garantindo que os capitais cheguem aos pequenos e pobres empreendedores, algo que os indianos vêm fazendo há muito tempo. Tudo o que a África tem de fazer é copiar, não precisa in-

ventar a roda. Essas são formas de financiamento transparentes e que obrigam os governos a se responsabilizar por seus actos.

Qual deveria ser a postura dos países ricos em relação à África? Sabemos o que traz crescimento. Não é um mistério. Sabemos que os países que se concentram em

comércio vão muito melhor que os que se limitam a receber ajuda. Os países ricos deveriam incentivar o comércio. Vejo, mesmo dentro da África, lugares como a África do Sul ou Botswana, que vão muito melhor que outros países. Esses dois países não dependem de ajuda. Então precisamos perguntar por que continuamos

ca só vai desenvolver com o fim das ajudas ocidentais

frica”

ajuda morta.

países desenvolvidos é o de incentivar o comércio

estimulando a ajuda à África após décadas perdidas. Sabemos que indivíduos, países e governos são norteados por incentivos. Se há o incentivo certo, as pessoas e os governos vão se comportar de determinada maneira. Oferecer ajuda – que não exige prestação de contas – permite aos governos roubar e fazer o que querem.

A África está preparada para essa mudança?
Alguns países estão. Encontramos recentemente com o presidente de Ruanda, Paul Kagame, e ele está ansioso para abandonar a ajuda. Temos visto países como Gâna e o Gabão emitindo bónus nos mercados de capitais e alguns outros movimentos na direcção de tentar livrar-se da cultura de ajuda. Mas ainda há um longo caminho pela frente. Há ainda vários governos que, rapidamente, dizem: “Por favor, não se esqueça de nos dar ajuda”. Esses são os que me preocupam mais, pois exibem uma atitude preguiçosa. Eles sabem que existem outras maneiras de financiar o desenvolvimento, mas não querem trilhar o caminho mais difícil. Preferem a opção fácil, na qual um cheque é lhes entregue. A comunidade global

não deveria compactuar com isso, não deveria permitir que eles fiquem sentados esperando apenas pelo envio de cheques.

Qual é o impacto da crise económica mundial para o futuro da África?

Estamos diante de uma oportunidade. Da mesma maneira que sabemos que não vamos

retornar ao tipo de capitalismo que foi praticado nos últimos 15 anos, deveríamos também afirmar que não vamos retornar ao modelo de ajuda que tem dominado a África nos últimos 50 anos. Essa é uma grande oportunidade para dizer: “Preste atenção, África, não podemos dar mais ajuda porque nossos orçamentos encolheram, nossas taxas de câmbio estão se movendo contra nós, é simplesmente não temos esse dinheiro. Então temos de dar outro jeito para preencher esse vazio”. É uma oportunidade fantástica, pois isso poderá criar o ímpeto para os governos africanos encontrarem as fontes de capital, com transparência e responsabilidade.

O presidente Barack Obama pode ajudar nessa mudança?

Espero que sim. O presidente Obama foi eleito com a bandeira da mudança e da inovação. Obama está alterando muitas políticas nos Estados Unidos e tenho esperança que olhe para o caso africano. Ele verá que a ajuda não está funcionando e que precisa haver outra maneira de fazer com que a África se transforme num parceiro igual na economia mundial. ■

QUEM É DAMBISA MOYO?

Nascida na Zâmbia, fez mestrado em Harvard e doutoramento em Economia, em Oxford. Mora em Londres

O QUE FEZ?

Trabalhou no Banco Mundial e no banco de investimentos Goldman Sachs. É directora de uma fundação que actua com micro-financeamentos na África

O QUE PUBLICOU?

Dead Aid (ajuda morta). Está escrevendo um livro sobre a actual crise mundial

“Temos que começar a ter vergonha de receber dinheiro sem retorno”

O reitor da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Filipe Couto disse que o país devia ter vergonha de continuar a receber donativos. De acordo com o magnífico reitor “Esta é uma nova era que temos depois de trinta e tal anos de independência. Temos que começar a ter vergonha de receber dinheiro de fora sem retorno”, disse durante a assinatura de um memorando de entendimento entre a instituição que dirige e a Faris Telecom Moçambique onde, esta empresa, se compromete a fornecer serviços de internet banda larga sem fio à UEM.

Na ocasião, Couto disse que “Não há almoços e jantares de graça, tudo que se faz deve ser pago, se eu não pago, alguém vai pagar por mim”.

Filipe Couto disse ainda que o país tem que parar de se portar igual a uma criança que mama do peito da mãe como sujeito de direitos e sem deveres.

Para o magnífico reitor “O pobre só vai deixar de ser pobre quando ser desmamado daqueles que o dão dinheiro de graça”.

De acordo com o representante todos os moçambicanos devem contribuir, com responsabilidade, para produção da riqueza que o país precisa, principalmente para o orçamento do Estado – Que é em mais de 50 por cento dependente do exterior. Para o efeito, o reitor, defende que uma boa educação sobre o sistema de taxaço de impostos pode constituir uma saída viável.

Couto disse que a independência de Moçambique não satisfaz os objectivos inicialmente traçados. Pois em 1975 Samor Machel declarou independência total e completa do país, até a económica, não apenas de bandeira e de hino nacional.

Referir que para além da internet, a Faris Telecom, vai fornecer computadores portáteis de baixo custo aos estudantes da Universidade. A iniciativa é vinculado sob o lema “um estudante um computador”.

PUB

computer Solutions

- VENDA DE COMPUTADORES & ACESSÓRIOS
- PROGRAMAS DE GESTÃO COMERCIAL, HOTELARIA E CONTABILIDADE
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA



Av. Eduardo Mondlane, 1377 - R/C Maputo Tel: 21 324 184 Fax: 21 304 326 Cell: 82 30 87 250